

OUTROS

UMA EXPERIÊNCIA ENTRE
DANÇA E PERFORMANCE



GEOVANNI LIMA DA SILVA
ORGANIZAÇÃO

ISBN: 978-85-9578-109-2

LIMA, GEOVANNI -

OUTROS - UMA EXPERIÊNCIA ENTRE DANÇA E PERFORMANCE

ORGANIZAÇÃO: GEOVANNI LIMA, FRANCIELY SAMPAIO,
THAY BETINE, VIVIAN DA CUNHA E ZELINDA SIQUARA.

COLETIVO CORPUS KARDIA
ESPÍRITO SANTO - 2018

OUT ROS

UMA EXPERIÊNCIA ENTRE
DANÇA E PERFORMANCE



SUMÁRIO

DEMAIS, OUTREM, MAIS, RESTANTES, PRÓXIMOS, ALHEIOS, OUTROS - GEOVANNI LIMA	05
MEMORIAL DESCRITIVO	10
OFICINAS	16
A MEDIAÇÃO DO CORPO E O CORPO MEDIADOR - JULIA ROCHA	20
CIRCULAÇÃO - ESCOLAS MUNICIPAIS DE VITÓRIA	22
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS	24
FICHA TÉCNICA	32



DEMAIS, OUTREM, MAIS, RESTANTES, PRÓXIMOS, ALHEIOS, OUTROS.

Imaginei diversas maneiras de começar estas palavras, e em todas as possibilidades sempre me deparava com o termo performance – expressão adotada da língua inglesa, que no sistema da arte designa uma linguagem. Regina Melim* a trata como conceito geral, relacionando-a ao corpo e apresentando o tempo como agente ativo nesse processo de fazer artístico (performance-corpo-tempo). Ela também aponta a possibilidade de ativação, não somente tendo o corpo do artista como disparador da ação, o espectador pode tornar-se um agente ativo no processo performativo. Ainda na perspectiva de definição do que seja a performance, Jorge Glusberg** a trata como

[...]um processo onírico que supera a experiência imediata e envolve em suas brumas as ações concretas. Em suma, a performance é uma realização de desejos. Dessa forma, a performance não tenta fazer arte; é arte. E é arte de um modo constitutivo, porque nenhuma outra forma de arte trabalha com o mesmo enfoque: o corpo do artista; e mais importante, com o tempo desse corpo. [...] (1987, p. 110)

Ambos os autores supracitados apresentam o corpo e sua utilização nos processos performáticos como substrato para o desenvolvimento de ações, logo, toda a

subjetividade que se abarca no indivíduo executor faz-se presente no processo, confirmando as reflexões de Merleau-Ponty:

Visível e móvel, meu corpo é captado na contextura do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas já que se move, ele mantém as coisas em círculo à volta de si; elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas em sua carne, fazem parte de sua definição plena, e o mundo é feito do próprio estofado do corpo. (1975, p.279)

É importante colocar, que o movimento das artes do corpo e performance observado em Vitória, não é algo recente. Desde a primeira década dos anos 2000, acontece aqui, com incentivos do Fundo Estadual de Cultura (FUNCULTURA-ES), projetos precursores, como por exemplo, o “Festival Multiplicidade” (2006-2007) e o “Festival Trampolim_” (2010-2011), compostos por ações múltiplas que trouxeram para o Espírito Santo trabalhos em performance, que evocavam o corpo de artistas [de diversos cantos do Brasil e do mundo]. Mais tarde, influenciado pelas ações supracitadas surgiram outras atividades, como por exemplo, o Performe-se Fronteiras Borradas | Fronteiras Erguidas (2015,

2017), festival organizado por artistas capixabas em rede que, em termos gerais, aproximou artistas-articuladores.

É importante, que a justificativa desta proposição se baseie na herança histórica que esses festivais deixaram para os artistas capixabas, pois é a partir dessa construção histórico-cultural, que a performance Outros: uma experiência entre dança e performance surge.

A ação performática é proposta por mim, [performer-pesquisador, interessado na investigação/discussão sobre o corpo e sobre as relações entre corporalidade, padrão do sujeito e sociedade] e executada pelo Coletivo Corpus Kardia, [composto por quatro bailarinas de formação técnica em dança contemporânea]. Nos propusemos a entender, pela performance, como se estabelecem as relações humanas, tanto no âmbito interno do grupo quanto na esfera macrossocial. A proposição traz para o espaço cênico, e aqui, escolar, o não-acabamento necessário que todas as relações [visuais, cênicas e cotidianas] tanto temem. Fala de vulnerabilidade, de reconstrução, de enxergar-se; fala da verdade: de ser de verdade, completamente. O trabalho tem duração de 60 (sessenta) minutos e, pela cadência executada através dos corpos em ação, e da interação por meio de lanternas, das artistas com o público, é apresentada aos presentes uma possibilidade de reflexão a respeito do eixo dicotômico cotidiano- extraordinário, levan-

do-os/nos a refletir sobre os processos vividos diariamente, analisando-os.

A proposição busca romper com as barreiras das linguagens artísticas, sendo fruto do cruzamento entre as Artes Visuais (e movimentos corporais) e a Dança, especificamente, a contemporânea. Permite a aproximação entre essas duas linguagens, além de apresentar esse diálogo ao público que a experiencia.

Para o ciclo de apresentações, contido neste catálogo, contou-se com o incentivo da Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo (SECULT), por meio do Edital 004/2017 Seleção de Projetos Culturais e Concessão de Prêmios para Coletivos Artísticos Juvenis no Estado do Espírito Santo. Na busca de criar oportunidades de discussão a respeito das relações humanas e seus produtos sociais, a principal proposição deste projeto foi a de percorrer seis Escolas Municipais que operam o sistema de Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos bairros Jardim da Penha, Jesus de Nazareth, República, Joana D'Arc e Itararé no município de Vitória- ES. Segundo dados da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), os últimos quatro bairros possuem altos índices de população em situação de vulnerabilidade social. Na intenção de se oferecer formação à artistas e/ou cidadãos em geral, foram realizadas seis oficinas de formação em Artes Visuais e

Dança Contemporânea no Museu Capixaba do Negro (MUCANE), abordando os seguintes temas: Dança Contemporânea (CH 04h) | Artes Visuais – Performance (CH 04h) | Arte híbrida: Processo de Criação em Dança e Performance (CH 08h) | Montagem de Cenas com Dança (CH 08h).

Os bairros escolhidos para a circulação da performance e realização das oficinas, enfrentam grandes problemas relacionados à segurança pública, sofrem com o descaso do estado e o processo de marginalização das periferias. No decorrer das atividades, três apresentações foram canceladas/reagendadas, devido a ordem/toque de recolher imposto por traficantes à comunidade, gerando o cancelamento das aulas. Inclusive, em uma região a equipe já se encontrava na escola para a realização do trabalho, tendo que sair às pressas junto à comunidade escolar, liberada para não expor alunos e professores à possíveis riscos.

Partindo da ideia, de que a performance assumiria dentro do espaço escolar a função de objeto educativo, e utilizando a arte como base para esse processo, foi proposto à arte-educadora, Dra. Julia Rocha, que refletisse acerca da mediação do corpo e o corpo mediador. Em sua reflexão, Julia apresenta, tendo a mediação e arte contemporâneas como mote, sua percepção a respeito da performance e do corpo como agentes de um plano educativo.

Ainda serão apresentados relatos de experiências das quatro bailarinas-performers executoras do trabalho. Tais textos projetam-se para além da escrita em papel e tinta, apresentam-se, corroborando como o pensamento de Merleau-Ponty apresentado acima, como prolongamento de si, incrustações na pele.

Por fim, gostaria de encerrar estas palavras, trazendo um poema*** que esteve o tempo todo em meus pensamentos, na realização deste trabalho:

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

*nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.*

*nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra. (1951)*

Mais que o próprio caminho percorrido, Drummond coloca o foco no objeto, neste caso, a pedra, que, dos dez versos que compõem o poema, sete a apresentam como foco pela utilização da expressão “tinha uma pedra”. Tal constatação me leva a pensar o grau de impor-

tância que esse elemento tem na vida de quem faz o caminho sugerido pelo autor, e de como ele pode ter alterado o resultado, por exemplo, de sua formação enquanto indivíduo. O que tratamos durante a realização deste projeto, são partes de um período importante de nossos percursos pessoais, sociais e políticos/ formativos, onde, como a pedra no percurso, proposto pelo autor supracitado, a proposição Outros: uma experiência entre dança e performance assumiu protagonismo, refletindo em nossas ações como sujeitos sociais. Desejo que da mesma maneira que vivenciamos esta experiência [de performance, de leitura deste catálogo], ela também assuma a função de pedra e reverbere em sua jornada.

Geovanni Lima
Mestrando em Artes Visuais
Universidade Estadual de
Campinas - Unicamp

* MELIM, Regina. *Performance nas Artes Visuais*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

** GLUSBERG, Jorge. *A Arte da Performance*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

***ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro Enigma*. São Paulo: José Olympio, 1951.



MEMORIAL
DESCRI
TIVO

Outros: uma experiência entre dança e performance

1 Memorial Descritivo

A performance se desenvolve no espaço expositivo ou sala fechada e necessita das seguintes especificações técnicas:

Área: 5m x 5m (25m²)

Material: 01 (um) rolo de fita tipo crepe; 40 (quarenta) lanternas de mão (tipo LED); 40 (quarenta) cadeiras; 60 (sessenta) bexigas, tipo balões de festa, na cor azul; 08 (oito) meias calças, fio 40 (quarenta) na cor preta;

OBS.: Todos os materiais acima citados são utilizados em cada apresentação da performance, com exceção das lanternas que são recolhidas ao fim da ação.

1.1 Desenvolvimento da Ação

1.1.2 Pré-produção

Em um espaço pré-definido é traçado um quadrado de 25m² (5m x 5m) com fita adesiva do tipo crepe;

Serão colocadas 10 (dez) cadeiras, tipo plástica, de cada lado (40 no total). (Esse espaço pode ser adaptado, se necessário).

1.1.3 Produção

As 04 (quatro) performers-bailarinas se posicionarão individualmente de frente para cada grupo de 10 (dez) cadeiras. (Figurino: short preto e sutiã/top preto, segurando dois pares de meias calças. Por baixo do sutiã são dispostas 15 [quinze] bexigas por performer em 03 [três] grupos de 05 [cinco]).

Todas as luzes do espaço onde a ação será realizada permanecerão apagadas. A entrada do público é ordenada em grupos de 04 (quatro) espectadores. Cada indivíduo receberá na entrada do espaço uma lanterna. O ato de ligar ou não a lanterna recebida é de responsabilidade do espectador, não é dada nenhuma informação desse aspecto na entrada do espaço.

Performance

Após a entrada de todo o público, as performers-bailarinas, sincronicamente, começam a vestir as meias calças. Uma é vestida nas pernas e a outra nos braços. Ainda sincronicamente, as performers-bailarinas enchem as bexigas e as jogam para trás. Esse movimento coloca as bexigas dentro do quadrado onde toda ação é realizada.

Após o primeiro grupo de 05 (cinco) bexigas serem enfiadas pelas performers-bailarinas, a posição corporal assumida é a de cócoras. A performer-bailarina 04 (P4) inicia seus movimentos corporais. Os movimentos desempenhados por ela são frutos de pesquisa de vivências e observações a respeito de relações interpessoais no texto “Amizade e a virtualização das relações humanas na sociedade contemporânea: reflexões a partir de Zygmunt Bauman” de Rafael Bianchi Silva (2010), como mostra o esquema abaixo:

P1

P4

P2

P3

Após movimentação corporal, a performer-bailarina 04 (P4) se posiciona no centro do quadrado, como mostra o esquema abaixo. Esse comportamento é assumido uma vez que ela apresentará verbalmente ruídos de relações não-acabadas. As performers-bailarinas P3 e P2 saem da posição de cócoras e se juntam a P4 no centro da área. Para essa construção foram utilizadas referências do texto “Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das Coisas”, de John C. Dawsey (2006).

P1

P4 P2

P3

Obs.: A performer-bailarina 01 (P1) permanece de cócoras e enchendo balões até que, fisicamente, a posição assumida não seja possível de ser realizada. Após a verbalização dos ruídos das relações não-acabadas cessarem, a performer-bailarina 01 (P1) assume o controle da ação. A performer-bailarina 04 (P4) assume novamente sua posição inicial, cócoras, enquanto a performer-bailarina 01 (P1) conduz as performers-bailarinas P2 e P3 em uma série de movimentos que são baseados na técnica de contato-improvisação, sendo que as performers-bailarinas conduzidas assumem a posição de não enxergarem nada durante a movimentação (olhos fechados).

Após a movimentação, todas as performers-bailarinas se reúnem à P4 em um emaranhado de corpos. Em posição dos corpos emaranhados, todas as performers-bailarinas assumem novamente a posição inicial, de frente para um grupo de 10 (dez) participantes que estão alocados nas cadeiras de plásticos. Cada performer-bailarina recolherá as 10 (dez) lanternas do público a sua frente. A performance encerra da mesma maneira que termina, todo o ambiente no escuro completo.

2 Pós Ação

Depois de todas as apresentações, serão realizadas rodas de conversa com o público presente na performance, com duração de 40 minutos. A discussão será norteada a partir da relação estabelecida entre as performers-bailarinas em cena e o público, sendo facilitado pelo artista visual que dirigiu a performance, Geovanni Lima.

3 Ficha técnica

Direção-Concepção: Geovanni Lima.

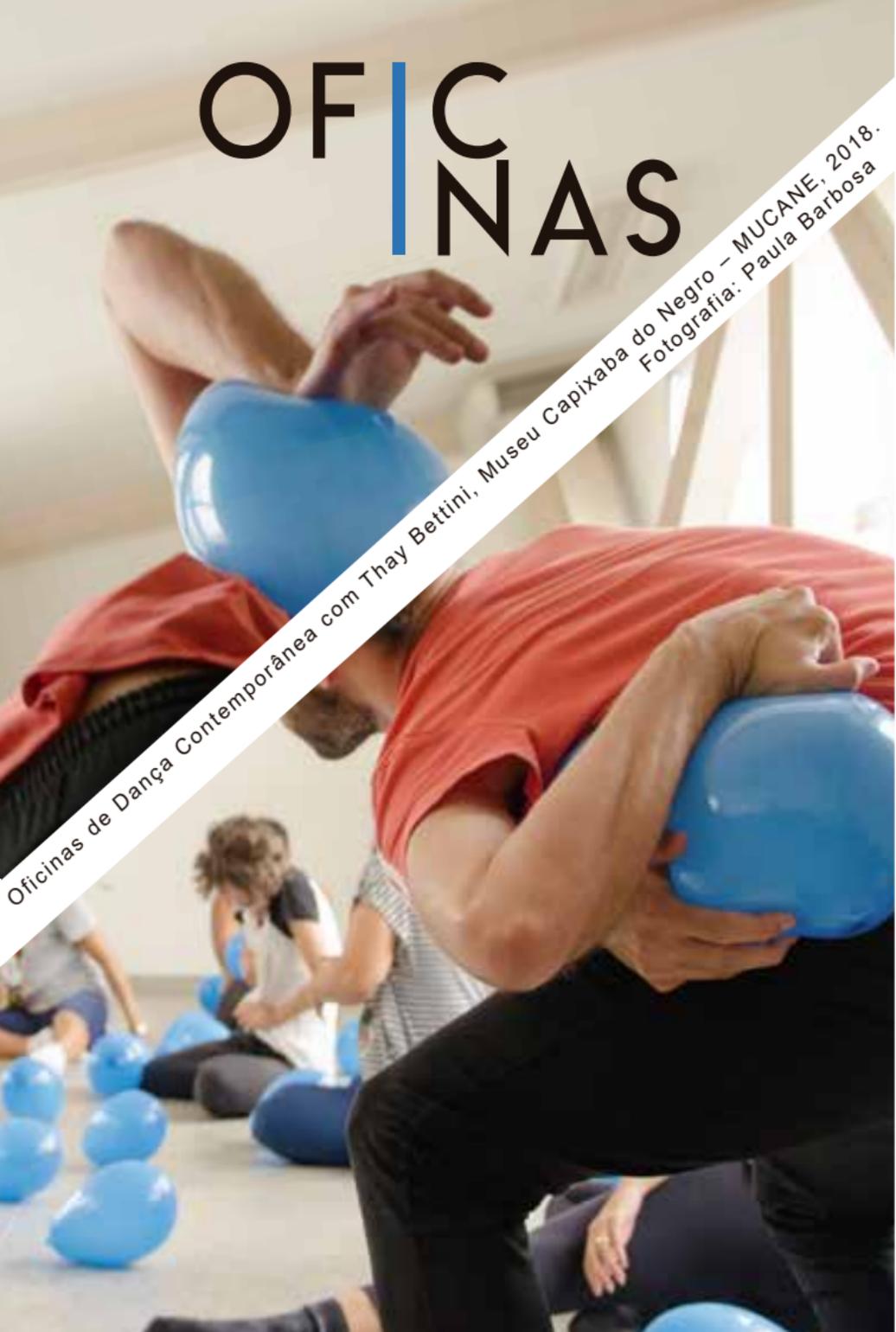
Performers-bailarinas: Franciely Sampaio, Vivian Cunha, Thay Betine, Zelinda Siquara.

Produção: Coletivo Corpus Kardia

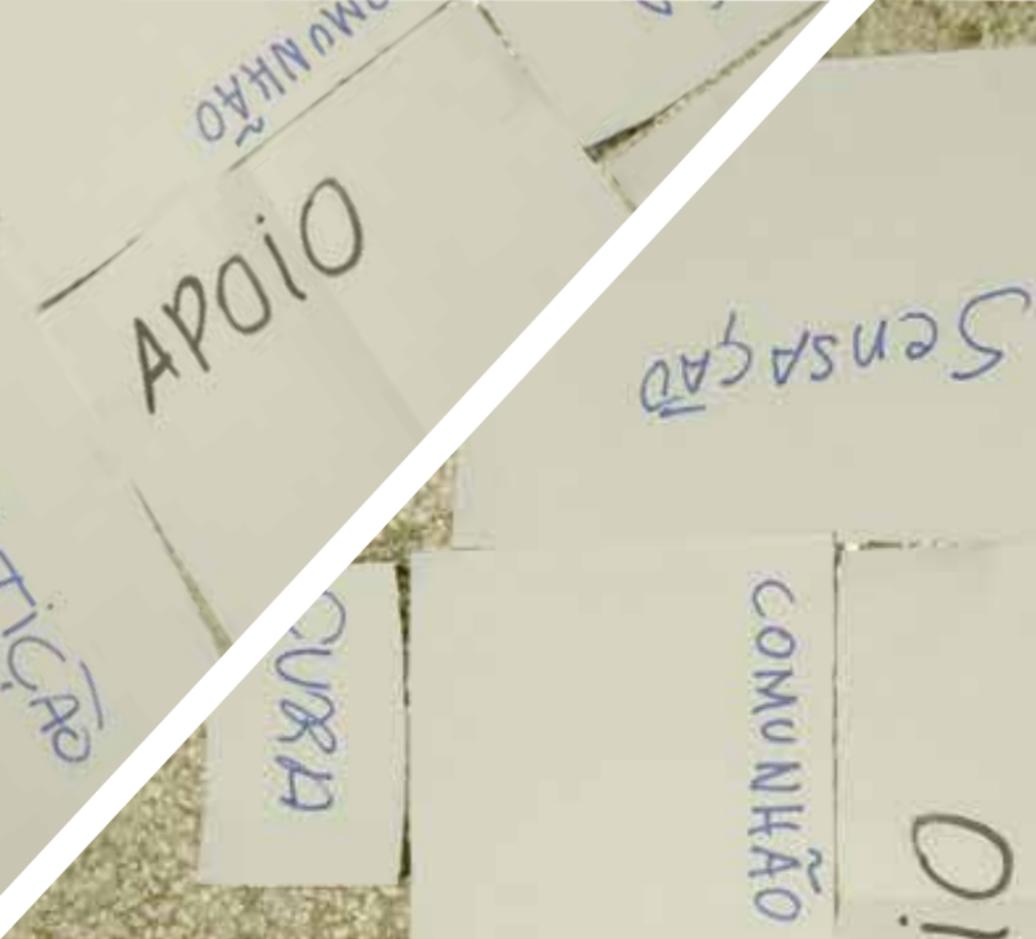
Direção de Fotografia: Fred Farias

Outros: uma experiência entre dança e performance propõe uma experiência relacional. Seus registros são materializações fílmicas das experiências vividas pela plateia e performers durante sua execução. É escura como as relações estabelecidas por quem a propõe, entretanto conectivo já que essa mesma escuridão aproxima os indivíduos que o vivenciam.

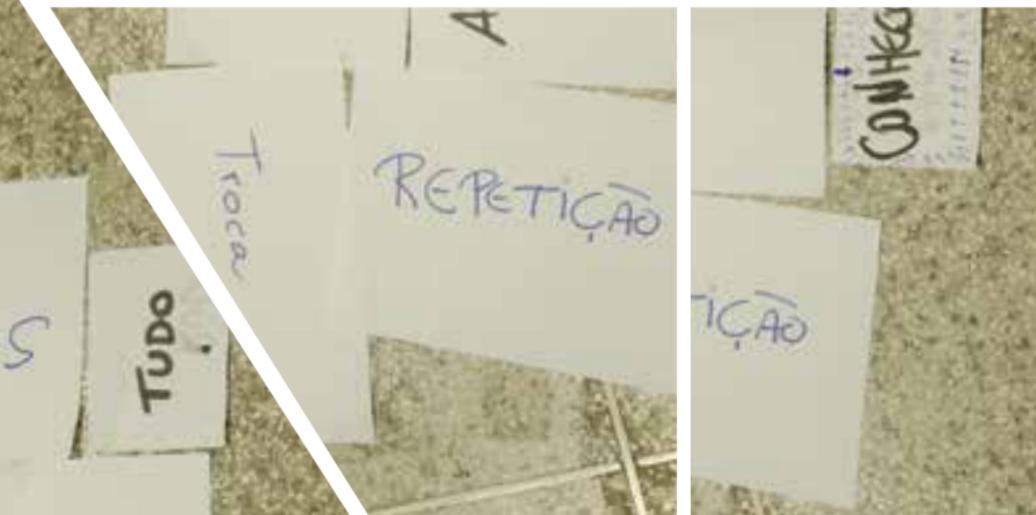
OFICINAS



Oficinas de Dança Contemporânea com Thay Bettini, Museu Capixaba do Negro – MUCANE, 2018.
Fotografia: Paula Barbosa



Oficinas de Artes Visuais com Geovanni Lima, Museu Capixaba do Negro – MUCANE, 2018. Fotografia: Paula Barbosa.





Oficina de Montagem com Franciely Sampaio, Museu
Capixaba do Negro – MUCANE, 2018.
Fotografia: Paula Barbosa e Fred Farias.



Oficina de Arte Híbrida com Geovanni Lima, Museu Capixaba do Negro – MUCANE, 2018. Fotografia: Paula Barbosa e Fred Farias.

A MEDIAÇÃO DO CORPO E O CORPO MEDIADOR

Nos processos educativos realizados no museu, pautados na concepção contemporânea de mediação cultural, educadores e público têm a possibilidade de dialogar diretamente com as obras, propondo uma discussão a respeito das possíveis interpretações construídas em sua leitura, na relação com as informações obtidas do artista ou da concepção do trabalho. Na partilha da mediação, as variadas percepções daqueles que estão no ato da conversa são postas em aproximação e confronto, possibilitando um contato direto com as produções dos artistas.

Quando se tratam de obras de performance, contudo, este contato não se dá da mesma maneira, visto que muitas vezes estes trabalhos lidam com a questão da efemeridade ou de uma ação que não se encontra no espaço expositivo no momento da visitação, não permitindo o contato, a leitura e a participação direta dos públicos. Nestes casos, ou o público está presente no momento de realização da ação do artista performer, ou dialoga com um registro feito em fotografia e vídeo. Em se tratando de uma visita educativa, existe ainda a possibilidade de se ter contato com a performance por meio do relato do mediador, o que não efetiva uma mesma leitura da ação que este trabalho pressupõe.

A compreensão dos elementos que caracterizam uma performance implica em uma outra concepção do que se pressupõe como o exercício mediador. Coutinho et. al. (2008, p. 1395) pensam a performance “como um ato de suspensão, um evento deslocado em um espaço demarcado, uma situação fora do espaço-tempo do cotidiano. Um estranhamento que causa impacto, desconcertante, para além do automatismo, que provoca questionamentos e coloca a pessoa ou o público na condição de evento artístico”, o que implica buscar uma outra concepção para a ideia do ato mediador.

Em uma primeira instância, podemos pensar que uma prática de performance coloca o artista como mediador do público na medida em que este se relaciona diretamente com aqueles que estão presentes no espaço expositivo. A ação do artista provoca o visitante a repensar o suporte, o tempo e a materialidade da arte, questionando as próprias regras que constituem o campo. E o público, tal como na mediação, implica em uma mudança na postura do artista. Realizar uma mesma ação em diferentes contextos resulta de formas diferentes, não somente pela constituição do espaço ou das modificações na ação do artista,

mas também por conta das respostas possíveis de se constituir a partir da participação daqueles que acompanham a prática performática.

O mesmo ocorre com a ação mediadora, na qual educador e público se vêm influenciados pelas respostas que obtém a cada momento. Na prática educativa o mediador se coloca dentro do processo educativo de maneira presente, fazendo do seu corpo parte do mecanismo de leitura e aproximação com a obra, provocando o público a se questionar diante do objeto de arte.

A propósito desta relação, Coutinho et. al. (2008, p. 1395-6) propõe uma ação educativa para uma prática de mediação que busque a interlocução entre dois campos, sugerindo a ideia de "mediação performática, onde a condição do educador se aproximaria da do artista ao provocar estranhamento, incitar a participação, buscando respostas do público, provocando uma intersecção da arte com a vida, com o cotidiano". Com esta concepção de mediação performática, pode-se pensar que a ação educativa realizada com um trabalho de performance não se traduz da mesma forma como ocorre com outras linguagens. Dentro desta ideia, a própria prática do mediador seria concebida como uma performance.

Ao pensar a mediação da performance, o mediador se deslocaria do lugar de conector entre obra e público, se fazendo presente como parte do propósito educati-

vo, se colocando como elemento mediador da ação previamente pensada pelo artista. A ação educativa concebida desta forma estaria mais conectada com a concepção de performance antes apresentada. O ato educativo seria encarado como um momento de suspensão, colocando mediador e visitantes em uma situação fora do espaço-tempo do cotidiano.

A ação do mediador, quando pensada nesta perspectiva, seria uma interlocutora do trabalho do artista, possibilitando que o público se relacione com a obra não somente a partir de suas leituras e dos meios de acesso encontrados para perceber o trabalho de performance, mas também por meio da relação com a prática educativa realizada neste espaço. A interface entre performance e educação se concretiza nesta mediação do corpo e no corpo do mediador.

Julia Rocha

Prof^o Dra. DLCE /UFES

Referência:
COUTINHO, Rejane; NAKASHATO, Guilherme; LIA, Camila Sezerino; ARANTES, Tatiana. Mediação Cultural: Uma estratégia performática para a exposição Yoko Ono. Anais do 17^o Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Florianópolis: Florianópolis: ANPAP, 2008.



EMEF Álvaro de Castro Matos,
Jardim da Penha, Vitória, Espírito
Santo - 2018.



EMEF Artur Costa e Silva, Bairro
República, Vitória, Espírito Santo -
2018.



EMEF Edna Matos, Jesus de
Nazareth, Vitória, Espírito Santo -
2018.



EMEF Professor Vercenílio da Silva Pascoal - Turma II, Joana D'arc, Vitória, Espírito Santo - 2018.



EMEF Ceciliano Abel de Almeida, Itararé, Vitória, Espírito Santo - 2018.



EMEF Professor Vercenílio da Silva Pascoal - Turma I, Joana D'arc, Vitória, Espírito Santo - 2018.

Fotografia: Paula Barbosa.

BALÕES...

O escuro, o silêncio, as sombras, a respiração, a ansiedade, o murmurinho, os passos, as pessoas, os olhares, as luzes, o suspiro, os movimentos, o desequilíbrio, o aperto, o incômodo, o estalo, os arranhões, a pele, as mãos, o fôlego, o ar, o soprar, o barulho, o mal-estar, o nó, a pele, as mãos, o corpo, o rosto, a lanterna, o vão, a cadeira, as pernas, os estalos, a fadiga, o peso, a queda, o chão, os rasgos, o clique, a voz, as palavras, os relatos, os balões, o frio, o choro, a dor... a dor... os soluços, os suspiros, os gritos, os olhos, as lágrimas, a entrega, a corrida, o baque, os braços, o abandono, o abraço... a dor... os balões.

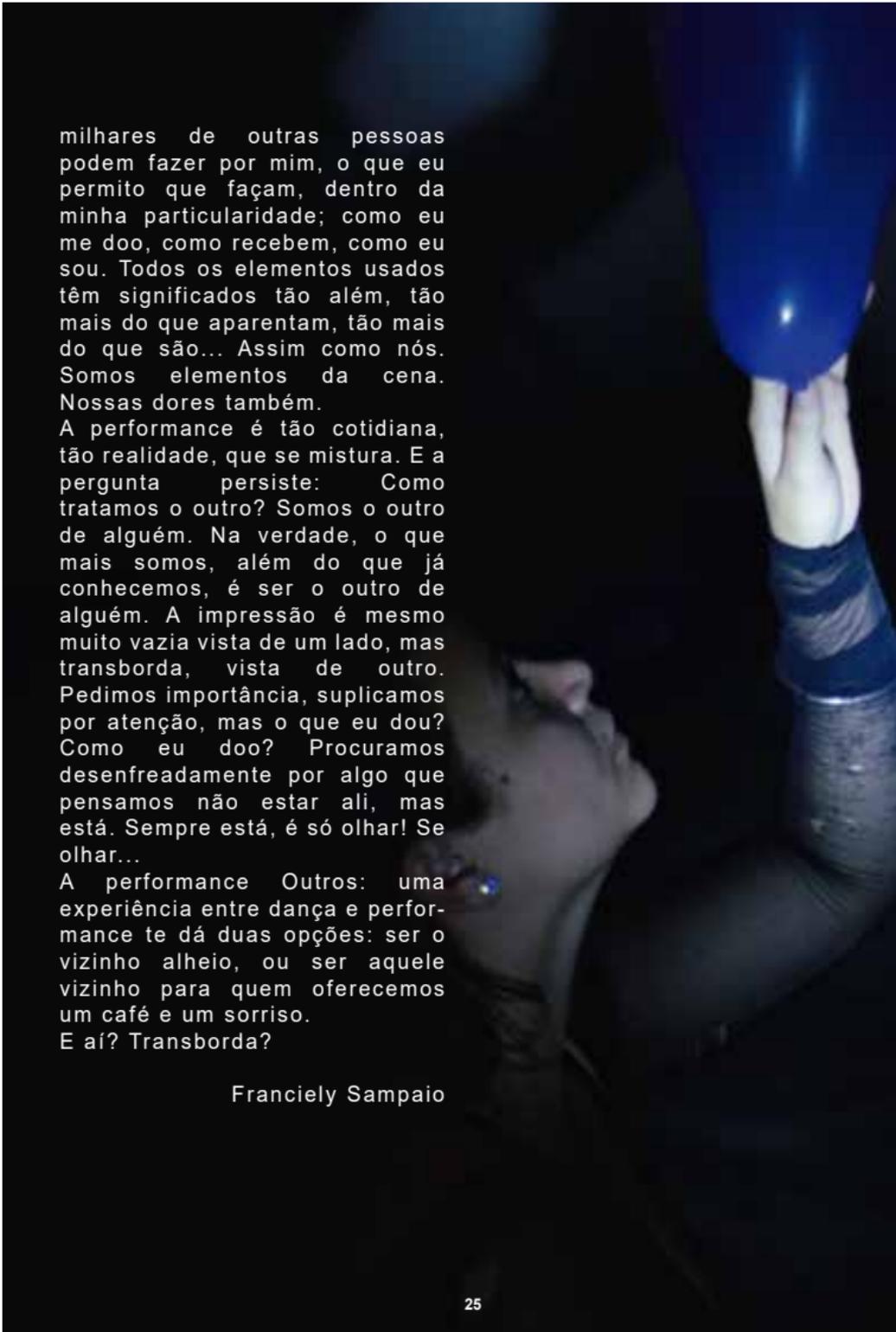
Balões.... Muitos! Em exagero. Ao exagero. À estafa.

De processo em processo, o sono, quando não se chora... A voz... A paz... A expectativa. A experiência. Eu odeio balões! Hoje, menos, mas ainda os odeio. Hoje, sou menos muita coisa, e sou mais. Em relatos rasgados na palavra, por palavras, sofro e cresço.

Numa das oficinas que oferecemos, na Etapa de Formação, pedimos aos presentes uma palavra que definisse a experiência vivida em sala, e, sem querer, eu relatei a minha palavra a "Outros", ao processo criativo de "Outros", e, para mim, a palavra é cura! Cura. Foi, e ainda é, um

processo muito difícil! É uma entrega dura, dolorosa, mas obrigatória. Me obriguei a viver essa experiência. Me obriguei ao desconforto do balão, me obriguei a desabar, a chorar, a gritar, me obriguei a me reconhecer outra. Quase que 'uma outra' de mim, 'uma outra' em mim. E me obriguei a me amar, a me entender, me respeitar. Me reconheci, me reconheço... Me curo em "Outros". Passei por um alfabeto de situações dolorosas durante toda a construção cênica da experiência/performance, e ter na cena, que é onde eu mais gosto de estar, alguém para me ouvir, ouvir/sentir/experienciar, a minha dor, é reconfortante de uma forma maluca. Saber que não sou a única, ver empatia, o choro, os sorrisos, o desconforto em alguns ou todos os momentos, as palavras de depois... Como artista, é enriquecedor, e me fortalece, como pessoa.

Outros: uma experiência entre dança e performance é de uma importância ímpar, tanto para mim, quanto para o expectador. A experiência me faz pensar o que sou eu na sociedade, o que eu represento, em que eu acrescento, como sou vista, o que eu posso fazer por outros, o que eu posso fazer por mim, dentro desse espaço com milhares de outras pessoas, o que essas



milhares de outras pessoas podem fazer por mim, o que eu permito que façam, dentro da minha particularidade; como eu me doo, como recebem, como eu sou. Todos os elementos usados têm significados tão além, tão mais do que aparentam, tão mais do que são... Assim como nós. Somos elementos da cena. Nossas dores também.

A performance é tão cotidiana, tão realidade, que se mistura. E a pergunta persiste: Como tratamos o outro? Somos o outro de alguém. Na verdade, o que mais somos, além do que já conhecemos, é ser o outro de alguém. A impressão é mesmo muito vazia vista de um lado, mas transborda, vista de outro. Pedimos importância, suplicamos por atenção, mas o que eu dou? Como eu doo? Procuramos desenfreadamente por algo que pensamos não estar ali, mas está. Sempre está, é só olhar! Se olhar...

A performance Outros: uma experiência entre dança e performance te dá duas opções: ser o vizinho alheio, ou ser aquele vizinho para quem oferecemos um café e um sorriso.

E aí? Transborda?

Franciely Sampaio

Outros: uma experiência entre dança e performance é, de fato, uma experiência. É algo pelo qual passamos, vivemos, atravessamos e somos atravessadas. Sentidos são trazidos, memórias são invocadas e perpassam o instante da performance como outros instantes que vão além do momento da própria experiência. É uma experiência que me ressignifica enquanto artista, ampliando-me para universos múltiplos da linguagem do corpo, da linguagem das emoções, da linguagem do inconsciente e de possíveis outras linguagens, muitas das quais desconheço o caminho.

Outros emancipou minha sensibilidade, ainda mais para o modo como passei a me relacionar com as pessoas: a forma com a qual me relaciono com a (e na) performance fala muito sobre a forma como me relaciono com as pessoas que me rodeiam e isso diz muito sobre quem sou, quem estou, na verdade, quem posso me tornar, diz sobre como é possível o movimento dentro das relações que estabelecemos com as pessoas. Esse movimento significa que as relações não são estáticas, não são sempre as mesmas, muito embora tenham suas particularidades, mas, significa, sobretudo, que as relações são como o tempo, são como os instantes: efêmeras, passageiras, até líquidas.

Significa, sobretudo, que nós somos líquidos, que nós passamos como o rio e que, por isso, é

importante repensar em cada instante as nossas relações, que é importante que deixemos para trás aquilo que é trivial diante de nossas vidas – pessoas e situações que não nos acrescentam as energias necessárias –, é necessário que valorizemos as pessoas que trocam conosco energias que nos significam, mesmo que sejam energias ruins, que sejam energias que nos transformem, de algum modo. Isso é o que, também, Outros me ensina, me mostra, me possibilita cada vez mais – até mesmo nos ensaios que, com a supervisão do Geovanni, conseguimos explorar campos dos quais estávamos distantes sensivelmente, conseguimos, por meio de seus direcionamentos, reconhecer distâncias e alterar rumos tanto de nossas ações dentro da experiência da performance, como direcionarmos-nos para outras instâncias de nosso universo sensível – que é vasto. A performance, aliada à dança, me propicia tocar instantes e partes do meu eu que são, no cotidiano, apagadas pelas sombras da pressa que habita os dias: na experiência somos levadas à falar, a expurgar, a levar ao corpo, à voz, às reações aquilo que, durante a selva dos dias, somos obrigadas a abafar. Como uma panela que contém água fervendo, somos abafadas cotidianamente – nós, mulheres, outras, representando, também, outros, muitos,

vários - e isso nos torna seres escravizados da racionalidade; em Outros, por meio da convivência coletiva, o atravessamento da subjetividade de todas as que estamos imersas na performance, somos possibilitadas a perfurar outras noções, outros hábitos, outros momentos, outros tantos e tantos modos de ver a vida, o mundo, as coisas, as relações, os outros, enfim. É possível, durante a performance - e de suas decorrências - tocar instâncias que não havíamos tocado (podendo loucamente, talvez, ser comparada a um processo de análise em que penetramos em uma iminência do que desconhecemos, na maioria dos momentos, por não nos termos tornado conscientes daquilo que necessitamos), sentir o que não foi possível sentir, até então; com sua singularidade é possível penetrar no profundo de nós e, através disso, reconhecer as relações humanas que são, não só o nosso "objeto" de estudo, mas, nosso meio de alcance do mundo.

Por meio das relações com os outros é que nos reconhecemos. Por meio das relações entre nós, do Coletivo Corpus Kardia, foi e continua sendo possível reconhecer formas de sensibilidade e de transformação diante daquilo que buscamos melhorar em nós e com os outros, pois sabemos que sem os outros não é quase possível nos constituir e que é por meio das relações humanas que nos tornamos mais humanas e huma-

nos: por meio das relações com os outros e, sobretudo, com nós mesmas, pois é importante conhecer a si mesmo antes de atravessar o outro. Por isso, sou grata à essa experiência.

Thay Bettini



NOVOS HORIZONTES

A performance Outros: uma experiência entre dança e performance traz para nós um novo olhar. Um olhar sobre nós mesmas! Todo o processo que vivemos juntas me trouxe cura, me fez enxergar e externalizar tudo o que havia no mais profundo do ser: mágoas, tristezas, alegrias, o que me aflige, o que me pesa... Foi ver todo sentimento/emoção por situações que passamos ao longo da vida colocado na cena, para que o público se reconheça. Quando penso em cura, lembro-me que neste trabalho consegui mostrar as marcas que o racismo me trouxe. Consegui gritar o que a Bia Ferreira diz na música Cota não é esmola:

E nem venha me dizer que isso é vitimismo

Não bote a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!

E nem venha me dizer que isso é vitimismo

Percebi que estou de verdade, e que minhas características físicas, muitas vezes, interferem em como as pessoas vão estabelecer relações sociais comigo. O lugar onde elas me colocam. O lugar em que não quero, não vou mais deixar que me coloquem.

Estamos de verdade! Saímos do nosso lugar de conforto para a performance, durante todos os processos e durante todas as apresentações, porque falar de si mesmo não é fácil, é mais

cômodo falar dos outros. Buscávamos falar de relações, das nossas relações com os outros e esquecemos da nossa relação para conosco e entre o grupo, essa performance fez com que nos reencontrássemos.

Como um grupo de dança, sempre fomos para o que havia de mais estético, entender como o não-acabamento – expressão que nos guiou durante o processo, e observado nas relações sociais, inclusive as nossas – é extremamente negado nos trabalhos em dança, foi difícil. Foi um processo difícil, foi um processo de atribuição de valor ao que não se dá valor, o cotidiano.

Todo o trabalho nos fez compreender que vivemos em um sistema, que exige que tudo seja perfeitamente acabado, tudo seja explicado e esteticamente perfeito. O contato com a performance, nos fez adentrar em um novo caminho e refletir sobre quem somos e o que queremos nos tornar.

Vivian da Cunha



Peço licença para iniciar trazendo um fragmento do poema *Contranarciso* de Paulo Leminski: “[...] o outro/ que há em mim/ é você/ você /e você/ assim como/ eu estou em você/ eu estou nele/ em nós/ e só quando/ estamos em nós/ estamos em paz/ mesmo que estejamos a sós”.

Esse poema é bem significativo, e representa como compreendo as relações interpessoais e como participar de Outros: uma experiência entre dança e performance me atravessou/enriqueceu.

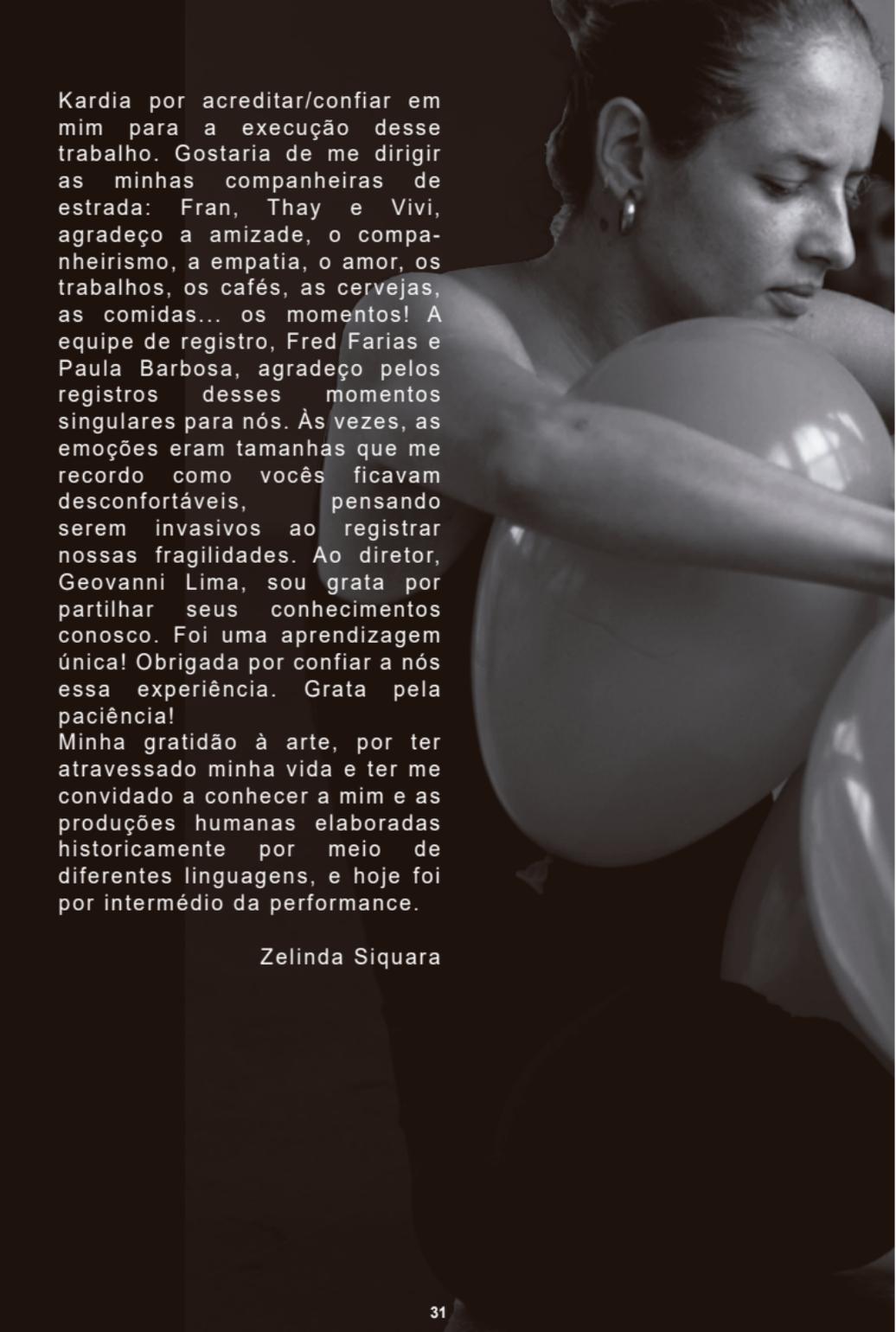
Nosso foco foi abordar as relações, como estas se forjam, como construímo-las a partir das nossas histórias, do nosso eu individual/coletivo. Para isso, adentramos nas nossas fragilidades. No processo, fomos muito instigadas pelo diretor e me lembro bem como ele insistia para que pensássemos a cerca das relações interpessoais no próprio grupo. Como poderíamos discutir as relações dos outros, de forma generalizada, se as nossas próprias relações precisavam ser trabalhadas? Passamos por muitos experimentos que nos levaram à fadiga física, psicológica, emocional, chegando a extremos, conhecendo uma face de nós que até então não tínhamos entrado em contato.

Houve cansaço, vontade de abandonar os experimentos, de fugir, pois, entrar em contato consigo mesmo é doloroso. Houve muitas lágrimas, escritas, abraços, afagos... Muito ar!

Muitos balões e muitas expectativas dentro deles. Nessa experiência, fui colocada em um lugar que de fato ocupo na vida cotidiana, uma pessoa com muitas expectativas nas relações com as quais estabeleço. Eu preenchia de ar balões e balões, assim como me entrego ao outro. É muita intensidade! Essa ação, na experiência, me levava à exaustão, ainda mais por estar de cócoras. As pernas bambeavam, parecia que não parariam de doer. Eu passava segundos tentando relaxar e pareciam horas.

Essa exaustão também se perpassa nas minhas relações com os pares. Eu me entrego de tal maneira que esqueço de mim e caio. Em seguida, incessantemente, levanto e volto à mesma condição. O ciclo recomeça. Em contrapartida, na experiência, fui instigada a assumir outra posição, a de condutora. Conduzi pessoas que estavam em uma condição de não-visão. Elas precisavam confiar em mim. Com essa vivência, traço um paralelo com a minha profissão. Sou professora e preciso conduzir meus alunos ao caminho do conhecimento. É preciso se atentar à nossa responsabilidade social.

Por fim, trazer parte de mim na performance e aqui na escrita não foi e não é um processo simples, todavia reconheço ser necessário para mim, para a arte, para a performance. Agradeço ao Coletivo Corpus



Kardia por acreditar/confiar em mim para a execução desse trabalho. Gostaria de me dirigir as minhas companheiras de estrada: Fran, Thay e Vivi, agradeço a amizade, o companheirismo, a empatia, o amor, os trabalhos, os cafés, as cervejas, as comidas... os momentos! A equipe de registro, Fred Farias e Paula Barbosa, agradeço pelos registros desses momentos singulares para nós. Às vezes, as emoções eram tamanhas que me recordo como vocês ficavam desconfortáveis, pensando serem invasivos ao registrar nossas fragilidades. Ao diretor, Geovanni Lima, sou grata por partilhar seus conhecimentos conosco. Foi uma aprendizagem única! Obrigada por confiar a nós essa experiência. Grata pela paciência!

Minha gratidão à arte, por ter atravessado minha vida e ter me convidado a conhecer a mim e as produções humanas elaboradas historicamente por meio de diferentes linguagens, e hoje foi por intermédio da performance.

Zelinda Siquara

GEOVANNI LIMA

Direção Geral/Concepção/iluminação

Artista e Performer; Mestrando em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2014 - 2018); contemplado com a bolsa FAPES do Programa de Iniciação Científica - UFES. Linha de pesquisa: Corpo Social. Áreas de Interesse e atuação: Arte Contemporânea e Performance. Membro do grupo de pesquisa CNPq/UFES: Diálogos entre Sociologia e Arte /DISSOA. Linha de Pesquisa: Corpo como Interface Política. Sócio-proprietário da Lima&Silva Produções, Administrador do Centro de Referência de Juventude de Vitória (2017-2018). Atualmente, se dedica aos estudos de corporalidade, padrão de sujeito e as relações entre corpo e memória. Com relação à produção em poéticas visuais, apresentou trabalhos de performance, vídeo-performances e desmontagens poéticas em exposições, seminários e festivais no Rio Grande (RS), Florianópolis, Joinville (SC), Uberlândia (MG), Macapá (AP) e região metropolitana de Vitória (ES). É um dos propositores do projeto PERFORME-SE - Festival de Performance.

FRANCIELY SAMPAIO

Bailarina/Performer

Atriz, bailarina e escritora, formada em Dança Contemporânea, pela Escola Técnica de Teatro, Dança e Música FAFI (2014). Como atriz, iniciou sua carreira no ano de 2006, em Aracruz/ES, pelo curso sequencial em Teatro, com Rodrigo Paouto (ES). Participou de oficinas e workshops com Zé Walter Albinati (Cia Luna Lunera - MG), Joachim Maudet (França), Milán Újvári (Hungria), Janusz Orlik (Polônia), Joanna Lésnierowska (Polônia), Angel Vianna (RJ), Carla van den Bergen (ES). Participou de montagens em musicais como "Chico Prego, um grito de liberdade" e "Os Saltimbancos", atuando como atriz, cantora e bailarina. Na escrita, publica seus textos no site Recanto das Letras, desde 2010, vindo a publicar no Caderno Literário Pragmatha (ed. 2013 a 2015), pela Editora Pragmatha (RS). Fez participações em coletâneas e livros, e tem em circulação o livro Amor Igual, de Vilma Belfort (RJ), como editora junto à AB Produções Artísticas (ES). Hoje, como intérprete/bailarina, faz parte do Coletivo Corpus Kardia dialogando com áreas como dança, teatro, música, performance e literatura.

VIVIAN DA CUNHA

Bailarina/Performer

Bailarina, administradora, educadora social e produtora cultural. Formada no curso de Qualificação Profissional em Dança Contemporânea pela FAFI (2014). Iniciou sua formação profissional, e seus estudos na área da dança, no projeto cultural Circuito Cultural, em Vitória/ES, onde participou de oficinas. Desde então, atua na área da cultura Hip Hop no Estado do ES, colaborando com a organização de eventos, ministrando workshops e participando de competições. Integrante da Crew de Breaking Underground Funkers, do grupo de Danças Urbanas feminino Conexão Flow, do Coletivo Corpus Kardia e da Cia de Dança Afro Negra. Com relação à produção cultural, integra a equipe da Lima&Silva Produções e Instituto Arte da Rua.

ZELINDA SIQUARA

Bailarina/Performer

Possui licenciatura em Educação Física (2013) e mestrado em Educação Física (2015) pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Formou-se pelo curso de Qualificação Profissional em Dança Contemporânea da FAFI/ES (2014). Atualmente, é professora da rede estadual de ensino do estado do Espírito Santo, e também é integrante do Coletivo Corpus Kardia. Seus temas de interesse de estudo são: educação; educação física; processos inclusivos no contexto escolar; filosofia; arte; arte na formação humana; dança e língua francesa.

THAY BETTINI

Bailarina/Performer

Bailarina, professora, escritora, fotógrafa, com graduação em Letras Português pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e formação em Dança Contemporânea pela Escola Técnica de Teatro, Dança e Música FAFI (2014).

PAULA BARBOSA

Fotógrafa

Graduada em Fotografia pela Universidade de Vila Velha - UVV; Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Com relação a cursos, oficinas e workshops, participou dos Workshops: A Liberdade na Fotografia de Rua com Nilo Biazzetto Neto, Processo Criativo com Eustáquio Neves, O Corpo Instantâneo com Gal Oppido em Paraty em Foco - Festival Internacional de Fotografia em 2016; fez a Oficina de formação de professores – Projeto Inventar com a Diferença - Cinema, Educação e Direitos Humanos com Marcos Valério Guimarães em 2017; participou do Workshop Cidades Visuais (re)construindo interrelações entre imagem, cidade, memória e cultura com Ana Lira e da Imersão A Fotografia como Oportunidade de Encontro com Felipe Morozini no Valongo Festival Internacional da Imagem em 2017 e participou também do Workshop Imagens Sem Fronteiras com Leo Drumond e Natália Martino - Foto Em Pauta (8 Festival de Fotografia de Tiradentes) em 2018.

FRED FARIAS

Fotógrafo/Designer

Técnico em Multimídia, fotógrafo, videomaker, designer, artista visual, graffiteiro e educador.

Agradecimentos: Aline Passos de Oliveira (Coordenadora Municipal de Políticas Públicas para Juventude) | Thaís Souto Amorim (Coordenadora do Museu Capixaba do Negro - MUCANE) | Mariane Berguer (Coordenadora Municipal do Ensino para Jovens e Adultos – EJA) | Núcleo Afro Ododomê | Centro de Referência da Juventude (CRJ Vitória) | EMEF “Álvaro de Castro Matos” | EMEF “Edna Matos” | EMEF “Artur Costa e Silva” | EMEF “Vercenilio da Silva Pascoal” | EMEF “Abel de Almeida” | Secretaria Municipal de Cidadania, Direitos Humanos e Trabalho de Vitória (SEMCID) | Secretaria Municipal de Educação de Vitória (SEME) | Secretaria Municipal de Cultura de Vitória (SEMC).

Concepção/Direção/ Iluminação |
Geovanni Lima
Produção | Vivian da Cunha
Assistente de Produção | Franciely
Sampaio
Fotografia | Paula Barbosa
Designer gráfico/ Vídeo | Fred Farias
Revisão | Thay Bettini, Franciely
Sampaio
Bailarinas/Performers | Franciely
Sampaio, Thay Bettini, Vivian da Cunha
e Zelinda Siquara



MUCANE
MUSEU CAPIXABA DO NEGRO
VITÓRIA DA FZS

Coletivo
CORPUS
KARDIA

COLETIVO CORPUS KARDIA
ESPÍRITO SANTO - 2018

